

## REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DE CORPO E PRÁTICAS DE SAÚDE EM GRUPOS SOCIAIS VIRTUAIS DE APLICATIVOS DE MENSAGENS

*CULTURAL REPRESENTATIONS OF THE BODY AND HEALTH PRACTICES IN VIRTUAL SOCIAL GROUPS OF MESSAGING APPS* 

*REPRESENTACIONES CULTURALES DEL CUERPO Y PRÁCTICAS DE SALUD EN GRUPOS SOCIALES VIRTUALES DE MENSAJERÍA* 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.139697>

 **Kariani de Almeida Leite\*** <kari-edf@hotmail.com>

 **George Saliba Manske\*** <gsmanske@yahoo.com.br>

---

\* Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Itajaí, SC, Brasil.

---

**Resumo:** Neste artigo investigamos as representações culturais de corpo feminino e saúde em um grupo social virtual do aplicativo de mensagens WhatsApp, intitulado “Maratona da Beleza”. Buscamos identificar por quais práticas culturais se constroem os significados do corpo e da saúde das mulheres participantes deste grupo. Nos valem de uma abordagem qualitativa e entrevistas semiestruturadas, visando responder aos objetivos elencados e analisamos o material empírico à luz dos Estudos Culturais, baseando-nos no conceito de representação. Nossa análise demonstra que as práticas de representação operam numa produção dos corpos de acordo com os aspectos substantivos e epistemológicos da cultura contemporânea, de modo que está atrelado a preceitos e indicativos do que se convém ser saudável, e opera lutas pela significação que tem nas dicotomias do corpo/modelo, do corpo/saudável ou do corpo/projeto objetos da construção de identidades destes corpos femininos.

**Palavras-chave:** Representação cultural. Corpo feminino. Cultura. Saúde. Grupos Sociais.

Recebido em: 17 abr. 2024  
Aprovado em: 7 out. 2024  
Publicado em: 2 nov. 2024



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A preocupação das mulheres em relação aos seus corpos com a intenção de atender aos padrões de beleza culturalmente estabelecidos tem se mostrado presente em diversos espaços. Seus corpos se tornam lócus de modificação que se sustenta por práticas balizadas no interior de disciplinas científicas, as quais fomentam, por exemplo, processos de emagrecimento e perda de gordura como metas a serem atingidas, e suscitam a construção de significados sobre saúde e beleza. Estas ações são sustentadas e postas em circulação pelos mais variados dispositivos midiáticos, em especial, as redes sociais virtuais, objeto deste estudo, que estimulam a imagem de uma mulher jovem, magra, bonita.

As redes sociais virtuais parecem exercer papel importante na construção e disseminação de padrões corporais idealizados com potenciais repercussões negativas na autoimagem e na satisfação corporal (Santos *et al.*, 2019). Na atualidade as pessoas tendem a operar transformações em seus corpos de forma a articular suas identidades com a construção performática de um corpo outro, socialmente e culturalmente tomado como um imperativo (ético e estético) aceitável e desejável.

Inseridos nessa problematização tivemos como questão norteadora desta pesquisa mapear as representações culturais de corpo e saúde por meio de um grupo social virtual do aplicativo de mensagens *Whatsapp*, intitulado “Maratona da Beleza”, que abordava diversos temas relacionados à saúde, alimentação e cuidados com o corpo. Salientamos que pesquisar sobre estas práticas advém da necessidade de instigar discussões sobre como práticas de significação acerca do que é corpo e saúde para as mulheres atuam, assim como, de que modo possibilitam a compreensão dos elementos que estão postos e de que maneira se sustentam.

No curso deste debate as discussões seguintes fazem conexão das práticas culturais contemporâneas - que constroem significados por meio de representações de corpo feminino -, e o modo como a mídia digital atua como instância onde as relações sobre estes sujeitos e corpos são produzidos. Nessa perspectiva, entendemos que essas práticas culturais fazem parte de uma produção de identidades e promovem estereótipos de corpos femininos e saudáveis.

Tomando o campo dos Estudos Culturais como campo teórico-metodológico para esta investigação e entendendo como as diversas questões sociais e culturais adquirem seus significados, organizamos as discussões operando com o conceito de representação, com o intuito de descrever e problematizar os diferentes modos pelos quais o corpo e a saúde femininos são representados.

O conceito de representação cultural, no campo dos Estudos Culturais, é demarcado enquanto uma prática de significação (Hall, 2016; Woodward, 2000). Cabe destacar que a noção de representação desenvolvida neste campo não adota

<sup>1</sup> Este artigo é um desdobramento de LEITE, Kariani de Almeida. **Representação de corpo e práticas de saúde de mulheres por meio de grupos sociais virtuais de aplicativos de mensagens**: bases para a proposição de tecnologias leves em saúde para profissionais de Educação Física. Dissertação (Mestrado em saúde e Gestão do Trabalho) - Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, 2023.

uma perspectiva de 'representar o real', tal como uma abordagem 'reflexiva' ou 'mimética', na qual a representação 'espelha' o verdadeiro e, portanto, independe do sujeito. Tampouco assume uma conotação intencional, na qual o sujeito falante age intencionalmente na construção de uma representação deste real (Hall, 2006). Assim, nem espelha ou reflete, e tampouco é intencionada por parte de um sujeito (do cogito cartesiano) que direciona uma representação de algo a partir de sua única pretensão.

Por outro lado, representação é, em si, uma prática de construção de significados em torno de algo. Esta prática ocorre por meio e no interior de culturas. Assim, é entendendo que as culturas são construções e práticas linguísticas, mediadas por relações de poder que delimitam possibilidades de significação, que as representações são possíveis. São práticas que constroem significados, e não que 'representam significados já dados'. Deste modo, nos interessa aqui problematizar não apenas os significados alusivos aos corpos de mulheres e suas relações com corpo e saúde, mas sim, escrutinar como tais significados são possíveis de serem atribuídos.

Diante dos resultados apresentados argumentamos que as representações são operacionalizadas em torno do objeto de estudo, a saber, corpos femininos, e o quanto estes podem ser re/construídos e modificados de acordo com as culturas que versam sobre eles. Assim, intentamos tensionar que estes corpos estão atrelados a noções de saúde e estética, mas não desassociados de suas histórias, marcas, identidades e lutas, o que indica a necessidade de se problematizar a construção cultural contemporânea do corpo/modelo, do corpo/saudável ou do corpo/projeto destes sujeitos.

## 2 METODOLOGIA

Este é um estudo em que analisamos as representações culturais de corpo e de saúde de mulheres que integraram um grupo social virtual de aplicativo de mensagens, o *Whatsapp*, nomeado de "Maratona da Beleza". O objetivo desse grupo foi promover práticas de saúde atreladas a exercícios físicos e atividades físicas com vistas ao emagrecimento e busca de padrões de beleza, através de interações sociais entre as participantes de várias cidades do Brasil. O acesso ao grupo foi facilitado através do perfil de um dos pesquisadores na rede social *Instagram* no período da pandemia, onde vídeos foram postados para mulheres interessadas em atividades físicas, exercícios físicos, emagrecimento, hábitos saudáveis. A formação do grupo ocorreu após interações nessa rede social, seguidas de convites com link na biografia do perfil e divulgação nos *Stories*. Ao todo, 40 mulheres aderiram a este grupo, tanto de forma espontânea quanto por convite, com faixa etária entre 35 e 60 anos. A seleção das mulheres para a coleta de dados ocorreu a partir daquelas que participavam ou que em algum momento haviam participado do grupo "Maratona da Beleza", e que aceitaram participar da pesquisa.

As integrantes foram convidadas a participar da pesquisa através de um convite elaborado no aplicativo *Canva* e posteriormente postado no grupo, seguido

pelo envio do TCLE via *Google Forms*. Posteriormente, foram agendadas entrevistas individuais através do *Whatsapp* e realizadas de acordo com a disponibilidade das participantes. As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado, permitindo uma abordagem flexível e aprofundada dos temas de interesse para a pesquisa.

As entrevistas ocorreram entre os meses de outubro de 2022 a março de 2023. O tempo de duração variou entre 30 e 60 minutos e a condução das falas ocorreu com apoio de um roteiro, dividido em focos com o intuito de responder aos objetivos propostos, tendo como questões norteadoras: a) Como você vê o seu corpo? b) Você gosta do seu corpo? c) O que mais te incomoda no seu corpo? d) Você acha que é saudável? e) O que é saúde para você? e f) O que você acha que é mais importante na saúde para você ?

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas em sua literalidade. Em seguida, realizou-se uma leitura inicial e organizou-se anotações ao longo do texto, com base no que foi observado nas gravações. Essas informações incluíram as percepções não verbais identificadas, tais como características do ambiente de realização da entrevista; entonações e gestos apresentados pelas mulheres; expressões faciais demonstradas nos momentos de choro e silêncio.

Os dados foram analisados tomando os Estudos Culturais como campo teórico-metodológico, e por conseguinte, foram realizadas as análises baseadas no conceito de representação cultural. Foi a partir desta noção que organizamos as discussões considerando os objetivos propostos para este estudo, sendo posteriormente distribuídas em duas seções de análises, a saber, “Representações de corpo” e “Representações de saúde”, com a intenção de tensionar as produções empíricas das entrevistas com as participantes do grupo de aplicativo de mensagem “Maratona da Beleza”.

Para garantir o sigilo das informações, as gravações e a transcrição das entrevistas foram arquivadas em meio digital, em documento protegido por senha, com acesso exclusivo aos pesquisadores do presente trabalho. A proteção da identidade das entrevistadas foi garantida mediante a utilização de letras e números P1, P2 e etc... Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Itajaí, tendo o parecer consubstanciado de número 5.582.666 em 15/08/2022.

### **3 ANÁLISES E DISCUSSÕES**

#### **3.1 REPRESENTAÇÕES DE CORPO**

As análises dos excertos das entrevistas permitem problematizações de práticas de representação cultural acerca do corpo, suscitadas pelas participantes. De modo geral, é possível indicar que as representações de corpo do grupo de mulheres e seus significados são construídos a partir da linguagem.

Para Hall (1997), é através do modo como representamos as questões nos diferentes espaços sociais e culturais, que elas adquirem significados. Assim, entendemos neste estudo, que o corpo feminino é significado através da linguagem e da representação sobre aquilo que se faz possível de entender o corpo, em sua construção de redes de significação. Neste sentido, o que mais foi recorrente se refere às dicotomias do corpo, sejam essas bonito/feio, gordo/magro, saudável/doente, aceitável/inaceitável.

Tais problematizações são possíveis de serem realizadas mediante trechos das falas das participantes quando questionadas sobre o que achavam, se gostavam e se estavam satisfeitas com seu corpo, ou ainda, como viam o seu próprio corpo, tal como os seguintes excertos de P1<sup>2</sup>: “Estou melhor, mas não estou no ideal, meu ideal é perder mais 8 quilos”; e, ainda: “Hoje gosto, meus peitos, saiu um pouco de gordura” (P1). P2: “Eu gosto e estou satisfeita sabe... Do que era antes, outra pessoa, mas tenho que fazer alterações... na composição corporal sabe...”. E por fim, destacamos P6: “Mas, eu não me sinto feliz com meu corpo quando preciso escolher roupas, e quando olho, sei que tem muita gordura”.

No processo de articulação destas narrativas, a percepção de corpo desempenha um papel relevante e Albuquerque *et al.* (2021) entendem que a Imagem Corporal refere-se às percepções, pensamentos e sentimentos do indivíduo sobre a aparência do seu próprio corpo, e ainda nesta perspectiva, Rodgers, Salès e Chabrol (2010), refletem sobre a influência de diversos fatores, tais como a mídia, o humor, as emoções, a autoestima e as influências do meio cultural e social na vida das pessoas e esta imagem corporal pode variar ao longo da vida, moldando e influenciando as ações dos indivíduos em função daquilo que se considera “normal” e aceitável de acordo com o ambiente social em que estão inseridos.

Por essa lógica, Silva e Lange (2010) referem que ter excesso de peso e acúmulo de gordura significa estar fora dos padrões de beleza e a preocupação com o ser/estar diferente torna-se presente na vida dessa pessoa, muitos sentimentos são envolvidos nesta interface da aparência corporal. Neste cenário, os sentimentos que se destacam são: a insatisfação, a depreciação, a distorção e a preocupação com a imagem do corpo fazendo referência a uma figura considerada perfeita, apresentada pela sociedade (Macedo *et al.*, 2015).

Ademais, Hall (1997) destaca que o corpo é uma construção social, ou seja, não há um corpo natural ou universalmente aceito como padrão. Ao contrário, o corpo é construído culturalmente.

Não obstante, outras participantes também trouxeram o tema do peso, gordura e autoimagem. Quando questionadas sobre o que mais te incomoda no seu corpo, responderam o seguinte: “A gordura na barriga e nas costas...” (P2); “Barriga né! Aquela bolinha de gordura, a flacidez, celulite, estrias tem mulher que liga, eu não muito, estrias eu já aceitei” (P3); além de, “Eu não estou contente com ele, eu engordei uns quilos na pandemia que eu não consegui reverter ainda né, não

<sup>2</sup> A fim de manter o anonimato das participantes, estas foram nomeadas como (Participante) P1, P2, P3 e assim sucessivamente.

consegui eliminar nada, então hoje realmente eu estou incomodada” (P4); e por fim, “como emagreci bastante tenho pele em excesso que não gosto, e não gosto da barriga e das pernas flácidas” (P5).

Essas falas, realizadas no momento da conversa sobre as relações das participantes sobre seus corpos desde a participação no grupo de aplicativo de mensagens, são práticas culturais de significação que atuam na construção de significados como sistemas de representação sobre seus corpos, na medida em que mobilizam elementos culturais mais amplos para poderem falar de si mesmas. Tal como referem Souza *et al.* (2013, p. 63), ao analisarem imagens e representações do corpo da mulher em revistas brasileiras.

A influência da mídia na construção do corpo ideal ganhou força e ampliou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos que garantem um corpo belo e tornou a aparência física uma dimensão essencial da identidade feminina, inaugurando um novo momento na história da beleza.

Neste sentido, Andrade (2003) entende que o corpo é um constructo histórico, social e cultural, produzido de diversas formas em tempos e lugares diferentes e que as práticas culturais sobre os corpos femininos atuam como referências para que possamos nos compreender como sujeitos de um determinado projeto corporal, neste caso, o da perda de peso como projeto de magreza. Assim, sob a perspectiva construcionista de Hall (1997), podemos identificar a influência da cultura e da linguagem na construção da autoimagem da entrevistada. Ao afirmar que seu ideal é perder mais 8 quilos, ela demonstra uma internalização das expectativas culturais de magreza e beleza.

De acordo com Vieira e Manske (2022), essas expectativas são construídas socialmente e reforçadas por meio de imagens e mensagens transmitidas pela mídia e pela sociedade em geral. O corpo parece ser algo simples a olho nu, mas se mostra complexo ao analisarmos todo seu contexto, suas nuances e aspectos que podem interferir ao longo do tempo. De forma que é possível dizer que um corpo está para uma sociedade da mesma forma que a sociedade está para o corpo, ou seja, as construções sociais do corpo dependem de onde ele está inserido e de onde vem suas influências.

Além disso, ao falar sobre eliminar a gordura, a entrevistada também se refere a sua imagem corporal. Evidencia a associação entre “gordura” e “imagem corporal” pela articulação destes elementos. Esta prática de representação (articulação entre gordura e imagem corporal) é posta em movimento mediante e no interior de redes de significados e significação que permitem que tal ação ocorra, operada nas culturas em que ela está inserida, a saber, aquelas que valorizam corpos magros e desencorajam o acúmulo de gordura em determinadas áreas do corpo (sobretudo, feminino).

Diante da prática de representação recém-descrita, é possível ampliar as análises da construção do corpo feminino na articulação teórica dos campos dos Estudos Culturais e de Gênero, espaço no qual se enfatiza que o corpo feminino é um corpo político. Nesse escopo, Bittelbrun (2018) abordou assuntos de gênero e raça em revistas do século 21, em que evidencia o modo como as ausências e as presenças de corpos dissidentes são manipulados nas revistas brasileiras. Ainda que

o público-alvo das mídias sejam as mulheres, é possível perceber a ausência sobre todos os corpos de mulheres que não se adequam ao difundido padrão eurocêntrico: branca, magra, jovem, heterossexual.

Dessa maneira, Bittelbrun (2018) interpela a forma como as revistas, cada uma a seu modo, denotam uma maneira de silenciar, de estigmatizar e de coisificar determinados corpos, fato que indica como as relações de poder se estabelecem na constituição do imaginário social e na cultura em relação a gênero, raça, sexualidade, lugar e classe, de modo interseccional, em práticas de poder de delegar hierarquização de algumas mulheres em relação a outras, a partir da construção e representação do corpo nas mídias e redes sociais, em práticas políticas em que a sociedade construiu e constrói ao longo do tempo.

Ao longo da história, as percepções e entendimentos sobre o corpo humano têm mudado significativamente, variando de acordo com as crenças religiosas, os avanços científicos e as influências culturais e sociais. A este respeito, Goellner (2003, p. 5) afirma que “o corpo é um produto cultural que reflete e é influenciado pelas transformações históricas, sociais e políticas da sociedade”. Na cultura atual, na busca pelo corpo “perfeito”, acaba-se promovendo a insatisfação com a imagem corporal, principalmente entre as mulheres.

Sobre este tópico, cabe referir o estudo de Souza *et al.* (2013) que realizaram uma pesquisa para analisar a insatisfação de mulheres com sua imagem corporal. Utilizando a escala de silhuetas (silhueta atual - silhueta ideal) verificou que do total de 182 mulheres investigadas, 66 (75,9% da amostra) desejavam diminuir sua silhueta corporal (estavam insatisfeitas), enquanto que apenas 14 mulheres (16,1% da amostra) não desejavam mudança alguma (estavam satisfeitas), além de 7 mulheres (8% da amostra) que desejavam uma silhueta maior (estavam insatisfeitas). Assim, na amostra referida, grande parte das mulheres se encontrava insatisfeita quando analisadas pela escala de silhuetas (83,9%).

Neste sentido, Holland e Tiggemann (2016, p. 100) contribuem:

Existe uma supervalorização de modelos corporais magros, ditado como ideal corporal para mulheres, levando a cada vez mais mulheres estarem insatisfeitas com seus corpos. Essa insatisfação é geralmente atribuída a fatores socioculturais, como a mídia, considerada a força mais poderosa e influenciadora.

Dessa forma, podemos observar que a autoimagem das entrevistadas é construída a partir de influências culturais, no campo mais amplo da linguagem. Essa construção não é uma representação objetiva da realidade, mas sim uma construção culturalmente mediada.

### 3.2 REPRESENTAÇÕES DE SAÚDE

A saúde feminina é um tema relevante e complexo, que envolve não apenas aspectos biológicos e fisiológicos, mas também culturais e sociais. A compreensão das representações culturais de saúde feminina é fundamental para a promoção de uma abordagem mais ampla da saúde, que leve em consideração as diversas experiências e perspectivas das mulheres.

De acordo com Hall (2006), as representações culturais são construções simbólicas que refletem e moldam as relações sociais e as formas como os indivíduos se percebem e são percebidos em sua cultura. No contexto da saúde feminina, as representações culturais são especialmente relevantes, pois influenciam tanto a percepção das mulheres sobre seus próprios corpos e saúde, quanto a forma como a sociedade as concebe e atua.

Nesta pesquisa, ao questionar as participantes sobre o que era saúde, percebe-se que através das falas, fica demonstrado como constroem representações de saúde através das práticas de significação, conforme transcrições a seguir: "Eu como verduras, minha comida está mais saudável, não como arroz e nem macarrão, achei que seria impossível pra mim" (P1). "Beber água, comer saudável, dormir bem, ir pra academia" (P5).

Dito isso, ambas participantes demonstram a percepção da alimentação e do cuidado com o corpo que foi construído ao longo da história por meio da linguagem inserida nas mídias, na própria tradição da cultura higienista, nas culturas do corpo e do que é saudável. Para as entrevistadas ter uma alimentação saudável é sinônimo de saúde, mas é necessário analisar como isto vem sendo construído pela sociedade e na cultura.

Para uma compreensão maior a respeito da alimentação, devem ser considerados, além dos aspectos nutricionais e biológicos, os aspectos culturais, no qual o alimento está profundamente ligado (Castro; Maciel, 2013). Witt e Schneider (2011) apontam um crescente número de mulheres que optam por dietas para emagrecimento e controle de peso e assim aproximam o corpo, a saúde e a imagem corporal das mudanças de práticas alimentares e esse corpo perpassa por investimentos financeiros e pessoais para adentrar a um determinado grupo social e ter sucesso, tudo para ser representado por um corpo em forma, saudável e construído culturalmente dentro de um mercado de consumo.

Neste mercado de consumo as mídias potencializam o que é ser uma "mulher de sucesso" através das imagens de atrizes, modelos, sempre magras, musculosas, preocupadas com o corpo e com a alimentação, e desta forma, direta ou indireta, constroem uma cultura de como a saúde da mulher deve ser representada (Sabino, 2007).

Tais narrativas contribuem para que essas mulheres optem por esses tipos de alimentos com pouco açúcar, pouca gordura, *shakes*, chás e até mesmo medicamentos para controle do apetite, conforme apontaram os estudos de Sauerbronn, Teixeira e Lodi (2019). Santos *et al.* (2019), em estudo que analisou o engajamento das práticas de consumo de alimentos, alegam que essa articulação entre corpo e saúde em um cenário político-econômico, problematiza o poder da mídia sobre o corpo, a saúde e as práticas contemporâneas que constroem saúde vislumbrando e associando a estética corporal e o bem estar das pessoas atrelados a esse mercado de consumo.

Ainda hoje a alimentação e os cuidados com o corpo continuam a ser relacionados com a saúde feminina. A ciência tem avançado em diversas áreas, incluindo a nutrição, a medicina preventiva e a tecnologia dos cosméticos, e muitas

mulheres têm acesso a informações e recursos que lhes permitem "cuidar melhor" de si mesmas, fomentando esse mercado de consumo em relação à alimentação, saúde e boa forma.

Neste sentido, Grogan e Mehan (2017) investigaram a imagem corporal de mulheres mais jovens após a mastectomia e as negociações destas mulheres com a estética e a sobrevivência. Os resultados apontaram que ainda existem desafios significativos a serem enfrentados, como a desigualdade de gênero no acesso à saúde e a pressão social para que as mulheres se encaixem em padrões de beleza irreais e prejudiciais à saúde.

Quando as participantes foram questionadas sobre: "O que é saúde para você?", as mesmas indicaram padrões de representação de saúde mediante construção de práticas culturais em que as atividades físicas e os exercícios físicos faziam parte deste conjunto de significados, expressadas nestas palavras: "Ir pra academia, ter condições para fazer isso pra não ter dores, doenças e ficar triste" (P5). E ainda: "Academia, atividades físicas: eu queria ter energia e habilidade pra andar de bicicleta, pra jogar futebol com meu neto" (P6).

A execução de exercícios físicos é uma prática cultural que vem sendo desenvolvida há milênios e possui diversas formas e finalidades. Desde a antiguidade, a atividade física era relacionada à saúde e à preparação para batalhas e desafios, mas com o passar do tempo, a relação entre exercício físico e saúde ganhou uma nova dimensão.

Hall (2006), em seu livro *"Identidades Culturais na Pós-Modernidade"*, apresenta a ideia de que a cultura é uma construção social, que se desenvolve por meio de relações de poder e de significados. Nesse sentido, a prática de exercícios físicos não está isenta dessas relações, pois é influenciada por questões históricas, políticas e sociais.

Pesquisas recentes relacionam a importância dos exercícios físicos não apenas para a estética, mas também para a saúde das mulheres. De acordo com um estudo realizado por Barros *et al.* (2021), a prática regular de atividades físicas pode reduzir o risco de doenças cardiovasculares, diabetes e depressão, além de melhorar a autoestima e a qualidade de vida das mulheres.

No entanto, é importante ressaltar que a prática de exercícios físicos deve ser realizada de forma consciente e saudável, sem a busca obsessiva por um corpo idealizado. A este respeito, Oliveira (2020) alega que a pressão social pela magreza pode levar mulheres a adotarem práticas de exercícios físicos excessivas e prejudiciais à saúde, como a restrição alimentar e o uso de esteroides anabolizantes.

Outro estudo realizado por Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2017), analisaram as representações sobre o corpo feminino em revistas femininas brasileiras. Os resultados mostraram que a imagem da mulher magra e esbelta é amplamente difundida nesses meios de comunicação, através das narrativas de culto ao corpo e da cultura do consumo.

Hall (2006, p. 12) afirma que “a identidade não é algo que possuímos, mas algo que nos é atribuído pelos outros”. Essa alegação promove a reflexão sobre como as representações de saúde feminina são construções sociais e culturais, que variam ao longo do tempo e de acordo com diferentes contextos. Dessa forma, a prática de exercícios físicos e a busca pela beleza e sua relação com a saúde feminina podem ser vistas como uma forma de buscar a aceitação e a validação social, mas também como uma forma de resistência e de construção de identidades individuais e coletivas.

Em suma, as práticas culturais de exercícios físicos estão relacionadas à saúde de diversas formas, desde a prevenção de doenças crônicas até a promoção de uma vida mais longa e na diminuição de percentuais de gordura, por um viés estritamente biológico. No entanto, é importante destacar que a cultura também influencia a forma como os exercícios físicos são praticados, e sua relação com as construções de saúde.

Destarte, assim como nas representações de corpo, os termos “gordura” e “emagrecimento” apareceram também nas representações de saúde. Ao responder o que é saúde, P6 assim destaca: “Eu acho, que muita gordura não é saudável”. Nesse aspecto, as representações de saúde feminina encontram-se relacionadas a beleza feminina, e vice e versa.

Estudos promovidos por Cash (2012) apontaram que a exposição a padrões irreais de beleza pode levar à baixa autoestima e distúrbios alimentares, como anorexia e bulimia. Corroborando tais afirmativas, Bury, Tiggemann e Slater (2016) alegam que o uso de redes sociais pode aumentar a preocupação das adolescentes com a aparência física e a imagem corporal.

Os resultados desses estudos mostram que a beleza está associada às representações de saúde das mulheres, no entanto, é importante ressaltar que a relação entre beleza e saúde é complexa e multifacetada.

Nesse sentido, Hall (1997) argumenta que as normas de beleza são construídas socialmente e que a mídia desempenha um papel importante na perpetuação dessas normas. O autor também observou que as normas de beleza mudam com o tempo e variam entre as culturas, o que sugere que a beleza não é um conceito absoluto, mas sim, relativo.

Nesse ínterim, as mudanças no corpo têm sido influenciadas pela medicalização da vida, pela busca da juventude eterna e pela imposição de padrões estéticos cada vez mais rigorosos. Os estudos de Goellner (2003, p. 11) destacam que o “corpo é hoje um objeto de consumo e está inserido em um mercado global que se preocupa em disseminar modelos hegemônicos de beleza e saúde”.

Tomando tais apontamentos, segue a representação de saúde construída pela participante P2 que ao responder o que era saúde diz: “Saúde... Envolve tudo né, saúde emocional, saúde física, não adianta cuidar só por fora...”, e, completa, “Hábitos bons, não usar medicamentos, ter disposição e energia”. Ao associar saúde aos hábitos bons e não utilizar medicamentos, a entrevistada constrói a representação

do que é saúde partindo de sua cultura, e desta forma assume a responsabilidade sobre sua saúde, sem considerar todos os aspectos culturais em que está inserida.

Ao ser questionada sobre o mesmo tema, P1 destaca: "O que acha que é mais importante na saúde para você?". "As pessoas procuram doenças, todo mundo sabe o que precisa fazer: Caminhar, beber água ...".

Diante dessa suposta medicalização da vida e de modelos hegemônicos que englobam a saúde feminina, devemos entender que o higienismo, segundo Foucault (2004), é uma técnica de poder que se estabeleceu no século XIX, a fim de regular a vida dos indivíduos, impondo normas de higiene e saúde. Essa ideia está relacionada aos estudos culturais, que buscam compreender como as práticas culturais afetam a vida dos indivíduos e como as pessoas constroem suas identidades a partir de suas experiências culturais (Hall, 1997).

Nesse sentido, a promoção da saúde e a adoção de hábitos saudáveis podem ser entendidas como práticas culturais que refletem os valores e as normas de uma determinada sociedade, sendo importante destacar que a responsabilidade pela saúde não pode ser atribuída apenas aos indivíduos. As condições sociais, econômicas e ambientais também afetam a saúde das pessoas e devem ser consideradas na promoção desta. Assim, os estudos culturais podem contribuir para uma compreensão mais ampla dos determinantes sociais da saúde e para a promoção de políticas públicas que visem a redução das desigualdades em saúde (Schmidt *et al.*, 2011).

Martes e Jurberg (2012, p. 10) referem que nesse escopo as relações saúde e doença, precisam ser entendidas também pela cultura.

Assim, para que as políticas de saúde sejam efetivas, é necessário que sejam compreendidas as questões de saúde e doença como fenômenos culturais, no sentido de que as práticas, saberes e valores que circulam em uma determinada sociedade afetam a forma como os indivíduos se relacionam com o corpo, com a doença e com o tratamento.

Essa perspectiva está em linha com a abordagem de Hall (1997), que enfatiza a interconexão entre diferentes aspectos da vida social e destaca a importância de levar em consideração tanto os fatores culturais quanto os individuais e se aplica para a análise de representação de saúde feminina nas palavras da participante P3, ao responder que saúde é: "Não precisar de medicamentos, ser uma pessoa em paz, sem ansiedade, viver bem e sem medicação, acho que é isso...", e ainda, "Ter uma mente tranquila...".

A entrevistada mostra que entende que saúde para ela é não precisar de medicamentos, indo ao oposto da medicalização dos corpos inseridos atualmente na nossa cultura. Isso pode ser interpretado à luz da ideia de Hall (1997) de que a identidade é construída a partir da negociação de diferentes influências culturais e sociais, incluindo os valores, as crenças e as normas que cercam o uso de medicamentos e o tratamento de doenças.

Desse modo, a medicalização dos corpos e da vida não se dá apenas pelos médicos, embora seja possível destacar que o controle social por eles é mais bem

exercido, pois têm um grande poder de autoridade legitimado historicamente pela sociedade, definindo comportamentos, seres e situações, a partir da lógica e da racionalidade biomédica, e através dela "[...] tentam compreender, regular, descrever, discriminar, abarcar, cooptar, governar, subjetivar corpos e práticas de saúde, em prol de uma economia social" (Manske; Barcelos, 2016, p. 238).

Dessa maneira, a medicalização do corpo feminino exerce um controle sobre esse corpo através de técnicas, normas e até intervenções para que este seja saudável, bonito, atraente, e assim, reduz o corpo feminino a um mero objeto da medicina, pois se volta para questões apenas biomédicas, desvinculando-o da sua condição social e cultural.

Ou seja, a medicina e as práticas culturais por ela discursadas atravessaram o corpo da mulher, embora não tenha sido o único discurso, foi base para se criar, disseminar e legitimar ações baseadas nas diferenças inscritas no corpo biológico e permeiam o controle sobre a imagem ao longo da história, colocando ao corpo feminino normas de como ser mulher dentro de um projeto social.

Corroborando tais alegações, Vieira (2002) relata que ao longo da história o corpo feminino tem sido tratado como ameaçador para a estabilidade moral e social e que nas diferentes sociedades tem sido regulado através de normas baseadas em crenças mágicas, religiosas e médicas. Além disso, Foucault (2004) nos auxilia a tencionar essas relações de poder nos corpos, e pensar a estratégia de controle social através do corpo e da sexualidade, assim podemos compreender o corpo da mulher nos lugares sociais e culturais e a partir dele fica evidenciado o poder e o controle social sobre esse corpo, no corpo e com o corpo.

Santana *et al.* (2021) realizaram um estudo para discutir vários artigos sobre essas temáticas e concluíram que todos apontam na mesma direção: que a busca pela beleza, entendida como corpo magro e jovialidade, está sendo incessantemente desejada pela sociedade.

Autores como Vieira e Manske (2022) destacam o papel da mídia na influência da medicalização do corpo feminino em tempos de um mundo tecnológico e amplamente digital, onde as telas e as redes sociais ocupam grande parte das construções culturais atuais e refletem que, quando as baterias se esgotam e as redes sociais perdem espaço no mundo real, a medicalização do corpo permanece em processo dentro da sociedade, ainda que esta esteja fora das telas.

Relacionando com as construções das representações culturais de saúde, esses argumentos agregam não para um enfrentamento do que está posto culturalmente, mas para refletirmos de um lugar diferente por um olhar no âmbito cultural. Hall (2006), no prisma dos estudos culturais, nos permite compreender como as práticas médicas são influenciadas e moldadas pelos valores e crenças da sociedade em que estão inseridas. Dessa forma, a medicalização da saúde feminina não pode ser analisada apenas sob uma perspectiva médica, mas também cultural e social.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados da pesquisa, foi possível mapear as representações culturais de corpo e saúde feminino, e algumas práticas culturais permeiam essas construções e desconstruções.

Entretanto, ao analisar as falas das entrevistadas, que participaram de um grupo de aplicativo de mensagens, “Maratona da Beleza”, à luz dos estudos culturais, observamos que as práticas culturais, a cultura e a sociedade moldam a forma como as mulheres na atualidade constroem os significados próprios sobre a representação de corpo e de saúde e a adequação deste corpo das entrevistadas (o feminino) ao ideal construído e prometido pela cultura é representada como um imperativo inescapável para que a mulher alcance um determinado corpo e se encaixe em determinados padrões.

Da mesma forma, a saúde feminina é representada pelos ditames de determinadas práticas culturais que refletem os valores e as normas de uma determinada sociedade, atribuindo a responsabilidade pela saúde aos indivíduos e não consideram as condições sociais, econômicas e ambientais. Assim, os estudos culturais tornam-se ferramentas importantes para a compreensão dos influenciadores sociais da saúde, além de auxiliar na promoção de políticas públicas, na busca pela igualdade.

Em suma, os estudos culturais trazem a sensibilidade para compreender as representações culturais de corpo e saúde feminino e o que opera por dentro dessa produção ativa de sentidos e das relações de poder, e que a cultura mostra o quanto os modos de vida são construídos e reconstruídos e permite entender os emaranhados entre gênero, cultura e saúde, e como essas construções culturais traduzem e definem as representações de corpo e saúde feminino na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento**, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2665>

ALBUQUERQUE, Liliane da Silva *et al.* Fatores associados à insatisfação com a Imagem Corporal em adultos: análise seccional do ELSA-Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 5, p. 1941-1954, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021265.07152019>

BARROS, Monalisa *et al.* Validity and reliability of the perinatal anxiety screening scale in a brazilian sample of pregnant women. **European Psychiatry**, v. 64, n. S1, S606, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1192/j.eurpsy.2021.1617>

BITTELBRUN, Gabrielle. **Cores e contornos: gênero e raça em revistas femininas do século 21**. Florianópolis: Editora Insular, 2018.

BURY, Belinda; TIGGEMANN, Marika; SLATER, Amy. The effect of digital alteration disclaimer labels on social comparison and body image: Instructions and individual differences. **Body Image**, v. 17, p. 136-142, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.03.005>

CASH, Thomas F. Cognitive-behavioral perspectives on body image. *In*: CASH, Thomas F. (ed.). **Encyclopedia of body image and human appearance**. Elsevier Academic Press, 2012. p. 334-342.

CASTRO, Helisa Canfield; MACIEL, Maria Eunice. A comida boa para pensar: sobre práticas, gostos e sistemas alimentares a partir de um olhar socioantropológico. **Demetra: alimentação, nutrição & saúde**, v. 8, Supl. 1, p. 321-328, 2013. DOI: <https://doi.org/10.12957/demetra.2013.6648>

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; NASCIMENTO, Fábio Santiago; RODRIGUES, Maria Eduarda. Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 17, n. 1, p. 67-88, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-170104-2916>

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

GOELLNER, Silvana. Corpo e cultura: as diversas leituras do corpo ao longo da história. **Revista da Educação Física**, v. 14, n. 1, p. 5-12, 2003.

GROGAN, Sara; MECHAN, Jayme. Imagem corporal após mastectomia: uma análise temática de relatos escritos de mulheres mais jovens. **Jornal de Psicologia da Saúde**, v. 22, n. 11, p. 1480-1490, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. The work of representatios. *In*: HALL, Stuart (org.). **Representation cultural**. London: Sage: Open University; New Delfhi: Thousand Oaks, 1997.

HOLLAND, Grace; TIGGEMANN, Marika. A systematic review of the impact of the use of social networking sites on body image and disordered eating outcomes. **Body Image**, v. 17, p. 100-110, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.02.008>

MACEDO, Tassia Teles Santana de *et al.* Percepção de pessoas obesas sobre seu corpo. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 19, n. 3, p. 505-510, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150067>

MANSKE, George Saliba; BARCELLOS, Thaís Silveira. Práticas corporais medicalizantes: diagnosticando a Revista Vida Simples. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 233-246, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.54900>

MARTES, Ana Cristina Braga; JURBERG, Claudia (org.). **Cultura e Saúde: práticas, saberes e sentidos**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

OLIVEIRA, Siro Darlan de. **Direitos humanos a uma educação saudável para pessoas em processo de desenvolvimento**. 2020. 74 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

RODGERS, Rachel F.; SALÈS, P.; CHABROL, Henri. Psychological functioning, media pressure and body dissatisfaction among college women. **European Review of Applied Psychology**, v. 60, n. 2, p. 89-95, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.erap.2009.10.001>

SABINO, César. Anabolizantes: drogas de Apolo. *In*: GOLDENBERG, Miriam (org.). **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. p. 139-188.

SANTANA, Tamiles Daiane Borges *et al.* Escravização do corpo pelos padrões de beleza: reflexões sob a perspectiva da bioética. **Saúde.com**, v. 17, n. 1, p. 2087-2095, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.22481/rsc.v17i1.5001>

SANTOS, Manoel Antônio dos *et al.* Corpo, saúde e sociedade de consumo: a construção social do corpo saudável. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 239-252, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170035>

SAUERBRONN, João Felipe Rammelt; TEIXEIRA, Camila dos Santos; LODI, Marluce Dantas de Freitas. Saúde, estética e eficiência: relações entre práticas de consumo de alimentos as mulheres e seus corpos. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 17, n. 2, p. 389-402, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395173205>

SCHMIDT, Maria Inês *et al.* Doenças crônicas não-transmissíveis no Brasil: carga e desafios atuais. **The Lancet**, v. 377, n. 9781, p. 1949-1961, 2011. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(11\)60135-9](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(11)60135-9)

SILVA, Guidélia Aparecida da; LANGE, Elaine Soares Neves. Imagem corporal: a percepção do conceito em indivíduos obesos do sexo feminino. **Psicologia Argumento**, v. 28, n. 60, p. 43-54, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19779>. Acesso em: 14 out. 2024.

SOUZA, Márcia Rebeca Rocha de *et al.* Droga de corpo! Imagens e representações do corpo feminino em revistas brasileiras. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 2, p. 62-69, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000200008>

VIEIRA, André Gustavo Flausino; MANSKE, George Saliba. Mídia e medicalização do corpo e da saúde em mulheres praticantes de exercícios físicos em academia. **Pensar a Prática**, v. 25, e72944, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v25.72944>

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

WITT, Juliana da Silveira Gonçalves Zanini; SCHNEIDER, Aline Petter. Nutrição estética: valorização do corpo e da beleza através do cuidado nutricional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 9, p. 3909-3916, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001000027>

**Abstract:** In this article, we investigate the cultural representations of the female body and health in a WhatsApp virtual social group entitled “Beauty Marathon” to identify the cultural practices through which the meanings of the body and women’s health are constructed today. The research used a qualitative approach and semi-structured interviews to address the research objectives. We analyzed the empirical material in the light of Cultural Studies, based on the concept of representation. Our analysis shows that the practices of representation operate in the production of bodies according to the substantive and epistemological aspects of contemporary culture, in such a way that it is linked to precepts and indications of what is appropriate to be healthy, and operates struggles for meaning that have in the dichotomies of the body/model, the body/healthy or the body/project objects of the construction of identities of these female bodies.

**Keywords:** Cultural Representations. Female Body. Health. Virtual Social Groups.

**Resumen:** En este artículo investigamos las representaciones culturales del cuerpo y la salud de la mujer en un grupo social virtual de las aplicaciones de mensajería Whatsapp titulado “Maratón de Belleza” para identificar las prácticas culturales a través de las cuales se construyen los significados del cuerpo y la salud femenina en la actualidad. La investigación utilizó un enfoque cualitativo y entrevistas semiestructuradas para dar respuesta a los objetivos planteados y analizamos el material empírico a la luz de los Estudios Culturales, basándose en el concepto de representación. Nuestro análisis muestra que las prácticas de representación operan en la producción de cuerpos de acuerdo con los aspectos sustantivos y epistemológicos de la cultura contemporánea, de modo que se vincula a preceptos e indicaciones de lo que es apropiado para ser saludable, y opera luchas por el significado que tienen en las dicotomías del cuerpo/modelo, el cuerpo/saludable o el cuerpo/proyecto objetos de la construcción de identidades de estos cuerpos femeninos

**Palabras clave:** Representación Cultural. Cuerpo Femenino. Salud. Grupo Social Virtual.

## LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

## CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

## CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

**Kariani de Almeida Leite:** Conceptualização, Elaboração, Coleta de dados, Redação, Análises.

**George Saliba Manske:** Conceptualização, Elaboração, Redação, Análises e revisão final.

## FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado sem o apoio de fontes financiadoras.

## ÉTICA DE PESQUISA

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Universidade do Vale do Itajaí. Número de protocolo 5.582.666.

## COMO REFERENCIAR

LEITE, Kariani de Almeida; MANSKE, George Saliba. Representações culturais de corpo e práticas de saúde em grupos sociais virtuais de aplicativos de mensagens. **Movimento**, v. 30, p. e30045, jan./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.139697>

## RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Alex Branco Fraga\*, André Luiz dos Santos Silva\*, Elisandro Schultz Wittizorecki\*, Mauro Myskiw\*, Raquel da Silveira\*

\*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.